

## Fugindo do frio

Trecho do livro Olhos de morcego  
de Leonardo Brasiense  
(Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2007)

Hoje acordei de má vontade. Ainda era noite, como sempre. Eu sempre acordo antes do sol. Fico deitado, esperando as meninas. Só levanto depois que elas chegam. Ter duas irmãs pra cuidar não é mole. A gente tem que estar sempre de olho, sempre atento. Bom era na época do Sansão. Ele pulava na cama e me lambia a boca, as bochechas, a testa. Eu já levantava penteado. Bom era na época da mamãe.

Ouvi a porta se abrir. “São elas.” Corri pra cozinha. Era só a Naná. Estranho ela vir sem a Maria Elvira.

– Cadê a Maria Elvira?

– Oi, Vitinho.

– E a Maria Elvira?

– Não chateia, Vitinho. O que tu vai comer?

Eu me sentei. “Não digo, não digo, não digo.” Ela abria os armários assim como chegou da rua, sem lavar as mãos. Ter duas irmãs pra cuidar não é fácil, eu já disse.

– Fala, Vitinho. Quer pão?

“Não falo.”

– Quer margarina?

“Não falo.”

Ela pôs o leite no fogo:

– Vou tomar um banho. Cuida a fervura, não deixa o leite derramar.

– Cadê a Maria Elvira?

Ela não me respondeu e foi pro banheiro. Essas duas são muito malcriadas. Tá certo que eu sou só um pouquinho mais velho. Mas ora onde se viu. Não se trata assim o irmão mais velho. Afinal, eu sou o homem da casa.

“Cuida a fervura. Cuida a fervura.” E eu nem queria leite. “Cuida a fervura. Cuida a fervura.” Eu queria é saber onde se meteu a outra. “Cuida da Maria Elvira. Cuida da Naná.” Foi a mamãe que recomendou. Ai, como era bom na época da mamãe.

– Vitinho – a Naná me chamou.

“Cuida a fervura. Cuida a fervura.”

– Vitinho.

– Quê?

“Cuida a fervura. Cuida a...”

– Vitinho, vem me esfregar as costas.

“Ai, ai, ai, derramou o leite. E agora?”

– Vitinho.

– Já vou.

“Derramou o leite. Derramou o leite.” Na época da mamãe, era ela que me esfregava as costas...

Eu sentava no banquinho debaixo do chuveiro, bem como a Naná faz hoje, e a mamãe ficava pra fora do box:

– Vitor, tu sabe que já é um homenzinho, não sabe?

Eu balançava a cabeça, respondendo que sim. O Sansão fazia uma festa no banheiro, eu via pela sombra no box. E a mamãe jogava água nele, pra espantar, enquanto falava comigo:

– Tu já tem vinte e seis anos, entende?

Eu balançava a cabeça. Eu via a sombra do Sansão balançando o rabo, ligeiro, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Era engraçado. Pra imitar, eu balançava o meu pinto. “Pra lá e pra cá, pra lá e pra cá.” Ele fazia barulho quando batia no banco.

– E a mamãe é uma mulher sozinha... – ela continuava, me esfregando as costas com mais força.

O Sansão batia o rabo no box, com força também. A mamãe esfregava e o Sansão batia. E o meu pinto, de tanto bater no banquinho, doía.

Ela parou de esfregar e pôs a mão no meu ombro:

– Vitor, a mamãe vai te pedir uma coisa...

Eu balançava a cabeça e batia o pinto no banquinho. Batia, batia, batia. Eu olhava pro pinto e não olhava pra mamãe. Batia, batia, batia, e doía, doía, e o Sansão pulava no banheiro e a mamãe me virou pra ela e pegou no meu pinto e me olhou bem na cara:

– Mas tu não pode contar pra ninguém.

– Ai, não me machuca.

A Naná não gosta quando eu passo a esponja nos pneuzinhos dela. Sempre reclama. Diz que estou machucando, fica braba.

– Agora deu. Vai tomar o teu café – ela disse.

– E cadê a Maria Elvira?

– Depois a gente conversa.

Fui pra cozinha tomar o café. Comi pão com margarina. Limpei os farelos. Comi uns farelos da mesa, porque não tinha ninguém olhando. “Depois a gente conversa. Depois a gente conversa.” Mas ela não veio. A Naná não veio. Me enrolou e foi dormir.

Na época da mamãe, era ela que fazia o café. Era ela que cuidava da gente, da Maria Elvira, da Naná e de mim. Eu só cuidava do Sansão. Levava o Sansão pra caminhar na rua, arrumava o cobertor velho na casinha dele. O cobertor era fedorento. O Sansão dava trabalho, mas era bom, me lambia e gostava de mim. Essas duas, agora, são umas ingratas. Eu ainda tenho a casinha do Sansão. E tenho o cobertor velho. Se ele voltar, não vai passar frio. Será que o Sansão foi embora porque passava frio? Será que lá em casa é tão frio assim?

Bem quando eu estava pensando no Sansão, tocou o telefone. Eu estava na cama, pensando no Sansão, e me levantei para atender. Mas a Naná correu do quarto delas, e eu fiquei ouvindo atrás da porta:

– Eu tava cansada e fui dormir.

– (...)

– Acho que ele tá dormindo também.

“Não estou não. Estou ouvindo atrás da porta.”

– Ainda não contei pra ele.

– (...)

– Não deu. Não contei, porra.

“Não contou o quê?”

– Mas em que bucha que tu me enfiou, ô Maria Elvira.

“Era a Maria Elvira!”

– Se tá assim tão preocupada, por que foi?...

– (...)

– Ah, vai à puta que te pariu.

E pelo jeito ela desligou na cara da outra. Então era isto: elas brigaram. Não voltaram juntas pra casa porque tinham brigado. “Ai essas duas, sempre me dando trabalho.” Mas fazer o quê? Cada um com a sua responsabilidade. Eu abri a porta do quarto e ataquei a Naná no corredor. Apontei o dedo pra ela e disse:

– Feio. Feio. Feio.

E ela se achou com razão!

– Não me enche o saco, Vitinho.

Eu pus as mãos na cintura e repeti, batendo o pé, pra ela entender:

– Feio. Feio. Feio.

A mal-educada me empurrou e se trancou no quarto. Ela parecia que estava chorando. As duas tinham brigado. E se era isso, eu precisava tomar uma atitude.

A Maria Elvira tem um amigo. Ele mora lá perto de casa, numa ladeira, depois da avenida de baixo, a que tem sorvete e cinema. A Naná e a Maria Elvira não sabem, mas eu já fui lá, escondido. Segui as duas numa tardinha dessas. Eu pensava que ele era amigo das duas, mas vi que a Naná não gosta dele, porque uma vez ela gritou com a Maria Elvira: “aquele cachorro não te pagou a tua parte?” E se alguém chama outra pessoa de cachorro é porque não gosta. Mesmo que goste de cachorro. Pelo menos eu acho que a Naná gostava do Sansão...

Mas voltando às minhas responsabilidades: eu tinha que ir atrás da Maria Elvira, tinha que fazer ela e a Naná se acertarem. A gente é uma família, e família não pode viver brigada. Esperei pra ver se a Naná ferrava no sono e, quando ela roncou, eu saí.

Passei pela avenida de baixo. Passei na frente do cinema, na frente do sorvete, e eu ia me lembrar da mamãe, mas não tinha tempo pra isso. “Cuida da Naná. Cuida da Maria Elvira.”

Comecei a subir a ladeira e me atiraram uma pedrinha nas pernas. Olhei para trás e vinha uma turma de guris. Uma gurizada de boné e camiseta preta. Eles riram quando eu olhei. Um deles gritou:

– Oi, gordinho.

“Eu não sou gordinho. Sou Vitinho. Eu sou o Vitinho.”

Atiraram outra pedra e riram mais alto:

– O gordinho tá com medo.

– Gordinho cagão.

“Eu não sou gordinho.” Olhei em volta e não tinha ninguém na ladeira. Só eu e os guris de boné. Eles continuaram rindo, e eu não me agüentei e me virei pra botar respeito:

– Feio. Feio. Feio.

Eles pararam de rir. Ficaram me olhando. Um deles se abaixou. Eu pensei que fosse de medo. Mas quando ele se levantou, tinha uma pedra enorme na mão. Daí eu me virei e corri. Como era difícil correr ladeira acima. Minhas pernas pesavam. Mas eu não podia parar, porque ouvia que eles vinham atrás de mim. Eles corriam também e gritavam:

– Corre, cagão, corre.

Um ria:

– A bermuda tá caindo...

Outro ria:

– A bunda tá aparecendo...

E outro falou mais calmo:

– Cuida do teu cu, gordinho.

“Cuida da Naná. Cuida da Maria Elvira.” Eu não podia parar. “Cuida da Naná. Cuida da Maria Elvira.” Mas como pesava... Então senti a pedra, na cabeça...

Ficou tudo escuro, e o chão era quente. Os guris mexiam comigo, me reviravam. Depois o chão era gelado, e depois quente de novo. A minha cabeça não doía, era só um zumzum, acho que era dos guris, zumzumzum... e aí um latido... eu comecei a enxergar, mas era muita claridade... e esse latido eu conhecia... mais alto... mais perto... era ele sim, era o Sansão... eu via o Sansão descendo a ladeira e espantando a gurizada... o Sansão me lambendo a cara, na boca, na testa, nas bochechas... alguém sentou no chão, ergueu minha cabeça e colocou no colo... mas era muita claridade e uma sombra e eu só vi quem era porque ela falou comigo... “Victor”... era a mamãe... ela passava a mão na minha cabeça, no lugar da pedrada... como era bom... passava a mão no dodói... passava a mão pra eu dormir... “Me leva contigo, mamãe”... e eu fui dormindo, dormindo...



E quando eu acordei tinha o homem de branco da cara grande que falava com a moça de branco da cara pequena. Eles conversavam e riam. Daí eles viram que eu me acordei, pararam de rir, e ele me disse:

– Vitor.

Eu não tinha força pra responder. Minha língua pesava. Minha cabeça doía.

Ele mostrou essa minha correntinha. Sacudiu minha correntinha bem nos meus olhos:

– Vitor, nós telefonamos pro número que tem escrito aqui, mas não tem ninguém em casa.

Eu não conseguia responder, e o homem continuava me explicando. Falava devagar e alto, como se eu fosse surdo:

– Não conseguimos falar nem com essa Maria Elvira e nem com essa Mariana. Não tem ninguém em casa. Tu sabes de outro número que a gente possa ligar?

E como eu não falava, ele se virou pra moça de branco, a da cara pequena, e disse pra ela te chamar, que só a senhora podia resolver...

E a senhora telefonou também?... Tem certeza? Porque essa hora a Naná sempre está em casa... Eu tenho que ir lá, tenho que ver o que está acontecendo. E se a Naná estiver precisando de mim?... Não, não vou pra outro lugar não, eu vou pra casa... Que

albergue que nada, eu tenho a minha casa e tenho duas irmãs pra cuidar, porque eu já sou um homenzinho, a senhora sabe, eu sei que eu sou um homenzinho, eu sei, eu sei, eu sei, a mamãe disse, a mamãe disse naquele dia, quando ela parou de esfregar as minhas costas no banho...

– Vitor, tu não pode contar pra ninguém o que a mamãe vai te pedir...

Eu balançava a cabeça pros lados e fechei os olhos. Ela falava baixinho:

– Tem que ser um segredo nosso, porque tu é um homenzinho, e a Naná e a Maria Elvira não iam entender.

O Sansão tentava entrar no box, e a mamãe espantou o Sansão com um tapa. Ela sempre espantava jogando água, mas deu um tapa e ele saiu do banheiro chorando. Ela se virou pra mim e seguiu falando baixinho:

– Vitor, a mamãe vai embora, porque ela arranjou um amigo pra esquentar os pés...

Eu baixei a cabeça. “Lá em casa era tão frio assim?”

E ela me passou a mão no cabelo, dizendo:

– Por isso a mamãe vai te pedir uma coisa, porque tu é o mais velho e já é um homenzinho...

“Cuida da Maria Elvira. Cuida da Naná.”